

APRESENTAÇÃO

A História religiosa constitui hoje um domínio especializado e reconhecido no campo do conhecimento histórico em geral, cada vez mais diversificado e valorizado pelo recurso a novas perspectivas analíticas e variadas metodologias de trabalho, numa paulatina abertura interdisciplinar. No entanto, tal domínio representa apenas uma das instâncias de observação e estudo de uma única e mesma realidade, objecto de estudo da História em geral: as sociedades e os seres humanos que as constituem, na sua teia de relações aos mais variados níveis. Os objectivos e contributo da colecção “Estudos de História Religiosa” situam-se precisamente nesta perspectiva: da história medieval à história contemporânea, do estudo institucional ao das práticas sociais, das mundividências culturais às crenças e atitudes individuais ou grupais diante dos mais diversos aspectos da vida, assinalando dimensões que ajudam a definir quadros analíticos e interpretativos, suscitando novos modos de olhar e interrogar a realidade social.

É neste campo alargado, na observação do quadro cultural português em termos de longa duração, que o trabalho de Jorge Revez se inscreve, no questionar do “vencidismo” enquanto atitude ou comportamento de certas elites letradas e que, deste modo, contribuiu para moldar um tempo e um ambiente cultural que se prolongam – e, nessa perspectiva, vence? – na posteridade de referências e perspectivas que as atitudes críticas de alguns dos protagonistas do catolicismo das décadas de 1960 e 1970 ajudaram a abrir. O prefácio do professor Sérgio Campos Matos, orientador da tese de mestrado que esteve na origem deste texto, enquadra-o e valoriza-o no campo alargado da História, sugerindo pistas de reflexão e aprofundamento acerca do estudo do catolicismo português contemporâneo e das suas raízes espirituais, logo, culturais.

No âmbito específico da História contemporânea, a diversificação de dinâmicas e processos de estruturação e organização das sociedades é uma constante, com

particular impacte no domínio religioso, por via nomeadamente dos processos de secularização da sociedade e de laicização do pensamento e das mais diversas instituições sociais. Tais processos – de secularização, de laicização e de diversificação – tiveram particular expressão na recomposição do catolicismo e da Igreja Católica em Portugal no século XX. Embora não sendo o único, este constitui um dos terrenos para melhor se aquilatar do sentido e da densidade das mudanças protagonizadas pelos tais “vencidos do catolicismo” – ou de um certo catolicismo? – que o livro procura analisar. Para além das referências éticas, teológicas e doutrinárias desses homens e mulheres, cujo percurso espiritual e cultural aí se descreve ou evoca, há um outro aspecto que não pode deixar de ser sublinhado: a importância de referências estéticas no percurso deste tipo, sector, geração, ou sensibilidade de católicos e de catolicismo, para que necessariamente remetem, e que este livro, de certo modo, procura também testemunhar pelas sugestivas ilustrações fotográficas que inclui.

A participação do autor do livro no projecto de investigação “Os católicos portugueses na política do século XX – a reflexão e intervenção de duas gerações: António Lino Neto e Francisco Lino Neto (PTDC/HAH/66756/2006)”, directamente financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, cujo apoio aqui se regista e agradece, ofereceu-lhe um enquadramento institucional e a possibilidade de uma reflexão sustentada num horizonte de reflexão alargado que, sob a coordenação do professor António Matos Ferreira, tem sido levada a cabo no âmbito do Centro de Estudos de História Religiosa (CEHR). É, pois, com satisfação e redobrado empenhamento que a direcção do Centro, responsável científico pela colecção, publica o trabalho de Jorge Revez – formalmente, um dos mais recentes membros integrados no CEHR, mas indiscutivelmente um companheiro de jornada nos caminhos da renovação da História religiosa em Portugal.

Paulo F. de Oliveira Fontes
(Direcção do CEHR)

PREFÁCIO

Os Vencidos do Catolicismo “entre Deus ausente”

Há poemas que sempre resistem a apropriações imediatas. Outros, pela sua força simbólica, pela oportunidade da circunstância em que surgem, depressa se inscrevem na história. Tornam-se como que marcos miliários da passagem dos homens e do tempo: quem não se lembra dos versos de Sofia sobre o 25 de Abril de 1974?

“Nós os vencidos do catolicismo”, de Ruy Belo, pela primeira vez publicado em *Homem de palavra(s)* (1970), é seguramente um outro exemplo. João Bénard da Costa, recentemente desaparecido, teve parte relevante nessa inscrição, ao sugerir que este se tornara o poema de uma geração nascida à volta dos anos 30, inicialmente formada no catolicismo, depois abandonada por Deus ao seu destino. Depressa esse tópico veio a adquirir na nossa modernidade uma persistente fortuna, ultrapassando aliás os estreitos (e não raro redutores) parâmetros do conceito de geração. Manuel Hermínio Monteiro, que tanto fez pela poesia portuguesa, bem mais novo do que Ruy Belo, não se via a si mesmo como um “vencido do catolicismo”?

Na abertura deste inovador trabalho, em que traça a genealogia da renovação da espiritualidade católica em Portugal dos anos 50 aos finais dos anos 70, Jorge Revez adverte que a linguagem poética tem algo de primordial. No presente caso, a montante, Vencidos da Vida e vencidismo como atitude mental eram palavras há muito inscritas no universo da cultura portuguesa, do discurso político, da ficção, da poesia, do teatro, até mesmo das artes plásticas – caso desse nu masculino reclinado do escultor Leopoldo de Almeida, intitulado precisamente *Vencido da Vida* (1922). A própria poesia de Ruy Belo, sobretudo nos seus últimos anos, está povoada de referências intertextuais a Antero, Eça, Oliveira Martins, Junqueiro ou António Nobre – lembre-se *País Possível* (1973) e a “Pequena história trágico-terrestre”. E que dizer

dos substantivos a elas associados, que o poeta recapitula em 1970? – “desistência desalento prostração desolação desânimo/ Antigamente quando os deuses eram grandes/ eu sempre dispunha de muitos versos/ Hoje só tenho cinco palavras cinco pedrinhas” (“Cinco palavras cinco pedras”, *Homem de palavra[s]*, 1970).

Jorge Revez parte pois de uma sugestão poética, de uma metáfora que exprime movimento de distância – “transporte no tempo” – em relação ao catolicismo instituído, expressão de desistência mas também de dissidência e liberdade, num tempo em que dificilmente elas se exprimiam no espaço público.

A genealogia desta dissidência vinha dos exemplos de Joaquim Alves Correia e de Abel Varzim, sem esquecer o bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes, e Francisco Lino Neto, ainda nos anos de chumbo do Estado Novo. Eram tempos em que, em França, se difundiam o existencialismo (cristão ou ateu), o personalismo de Emmanuel Mounier e as aproximações entre cristianismo e marxismo (caso de Roger Garaudy). Embora marginalmente, em Portugal estes debates não viriam a ser ignorados, como mostram algumas das obras editadas pela Moraes e textos tão diferentes de António Sérgio, Vergílio Ferreira ou Eduardo Lourenço. Jorge Revez optou por destacar duas outras figuras bem diversas na constelação do catolicismo em Portugal dos anos 50 aos anos 70: Ruy Belo e o Padre Felicidade Alves. Como não podia deixar de ser, estes homens viveram percursos individuais e dramas existenciais singulares e únicos. Mas ambos exprimiram pontos de vista críticos em relação à instituição Igreja, à sua relação com o poder político, às suas práticas, aos seus silêncios – em suma, distanciaram-se de uma mundividência a ela ligada, para construírem outras mundividências, na margem dos poderes instituídos.

Nos finais da década de 1950 o regime de Salazar foi abalado por diversos factos que configuram uma insofismável crise política: a campanha de Humberto Delgado às eleições para a Presidência da República (1958), a perda dos territórios sob administração portuguesa na Índia (1961), o início da guerra colonial em Angola, a tentativa de pronunciamento militar de Beja (no mesmo ano) ou a greve académica de 1962. Sobretudo a experiência de guerra, que depressa alastraria às outras colónias africanas e tanto marcou a juventude portuguesa, contribuiu decisivamente para a fractura que se abriu na consciência cristã. Entretanto, depressa iriam crescer a emigração para a Europa e o turismo, que foram mudando a face da sociedade portuguesa. Por outro lado, aprofundava-se o longo processo de secularização que vinha muito detrás (como tem mostrado António Matos Ferreira) e desenhava-se a crise da Igreja, crise de consciência que levou tantos crentes a regressarem a um cristianismo original, à centralidade do exemplo de Cristo como figura humana, despojada dos atributos que lhe haviam sido impostos por uma religião revelada, durante tanto tempo dominada pelo milagre, a dor, o pecado e a culpa.

Num dos seus poemas mais solares, Ruy Belo convoca a figura luminosa de Deus na orla marítima, a passear “à beira de água calça arregaçada/ como um homem se deita como um homem se levanta” (“Orla Marítima”, *Homem de*

palavra[s], 1970). Com esse poema, convivem, é certo, muitos outros em que dominam imagens nocturnas de um país “sem olhos e sem boca”, um país esquecido, com sinos inúteis, perdido na margem da alegria – da sempre adiada modernidade. Raros poetas portugueses contemporâneos terão ido tão longe na expressão trágica dessa deriva existencial do homem moderno, num mundo laicizado e atomizado: a queda num tempo profano e fugitivo, despojado das antigas referências míticas e da própria figura divina: “É muito triste andar por entre Deus ausente” (“A mão no arado”, *O problema da habitação*, 1962), problemática que outros poetas retomarão em tempos bem mais recentes (caso de José Tolentino de Mendonça).

A modernidade passava também por uma espiritualidade renovada, liberta de dogmas e constrangimentos, aberta aos problemas humanos concretos, ao pulsar da vida, às culturas de protesto que a juventude dos anos 60 ia difundindo numa sociedade bloqueada. Compreende-se assim que, por essa época, “crise da Igreja” e a até mesmo “crise de civilização” (Pe Manuel Antunes) fizessem parte do léxico dos católicos que ousavam adoptar um pensamento crítico. Como conceber os Vencidos do Catolicismo neste contexto? Herdeiros da tradição cristã e humanística, caldeada por um pensamento democrático muito voltado para a justiça social, como revela Jorge Revez, não foram alheios à ideia moderna de vanguarda, tópico em destaque na cultura política do século xx. Não os podemos todavia considerar um grupo coeso e é até discutível vê-los como uma geração – embora alguns deles assim se vissem a si próprios.

Produto de uma longo e amadurecido trabalho, como toda a dissertação académica ou investigação que intente ir além da superfície dos textos, este livro parte de problemas. Problemas humanos, bem actuais de resto, sempre situados em contexto. Raros historiadores têm usado a poesia como fonte – lembrem-se Joel Serrão, Jorge Borges de Macedo, António José Saraiva ou Óscar Lopes – em trabalhos marcantes na história cultural do nosso século xx. Jorge Revez retoma esse filão, tendo em conta outras fontes, entre elas a imprensa periódica, ensaios, correspondência e entrevistas orais. Por outro lado, prossegue os valiosos trabalhos mais recentes da historiografia religiosa que o Centro de História Religiosa da Universidade Católica tem levado a cabo.

Se há mais de cem anos alguns dos então designados Vencidos da Vida foram vistos como veros vencedores (quem duvida da permanência de Eça de Queiroz ou de Oliveira Martins no Portugal dos princípios do século xxi?), não duvidamos que alguns dos Vencidos do Catolicismo que Jorge Revez tão incisivamente soube evocar e interpelar na sua alteridade estão bem vivos no nosso tempo. Com eles podemos sempre conviver e aprender na abertura de novos horizontes de uma espiritualidade aberta às inquietações humanas de sempre e aos problemas específicos dos anos que vivemos.

Sérgio Campos Matos